

Baixe
o APP

TUDO AQUI. TUDO FÁCIL!

Para vender, alugar
ou cadastrar seu imóvel.



@valorimobiliaria

VALOR
IMOBILIÁRIA

Vendas: (79) 9 9985-4222

Aluguéis: (79) 9 9850-5222

www.valorimobiliaria.com.br

PROPOSTAS

SEGURANÇA EM DISPUTA



PM SERGIPE



SSP SERGIPE

Candidatos ao Governo de Sergipe apresentam estratégias para combater a criminalidade, ampliar o uso da tecnologia, fortalecer as forças policiais e investir na prevenção da violência **P. 22**

ÍNDICE

TOQUE NOS TÍTULOS PARA INTERAGIR

OPINIÃO

EDITORIAL

4 VALMIR PRECISA APRESENTAR PROVAS OU PEDIR DESCULPAS

INFORMANDO

8 A CAMPANHA ENTRA NA FASE EM QUE O IMPROVISO COBRA A CONTA

POLÍTICA

22 CANDIDATOS AO GOVERNO DE SERGIPE APRESENTAM PROPOSTAS PARA A SEGURANÇA PÚBLICA

COLONISTAS

BOLSA DE MULHER

31 FEMINICÍDIO: SERGIPE NÃO PODE SE ACOSTUMAR A CONTAR MULHERES MORTAS

MULHERES & NEGÓCIOS

44 MAIS COOPERAÇÃO, MENOS SOLIDÃO: A VIRADA DE CHAVE NO EMPREENDEDORISMO FEMININO

DESCOMPLIQUE A ECONOMIA

47 A CRISE DO STF MOSTRA O QUANTO SOMOS DERROTADOS

CANTINHO DA CRÔNICA

55 QUEM SABE SER AMIGO NA FELICIDADE?

CRÔNICAS DO BEM-VIVER

62 A ARTE DE ENVELHECER: CONTINUIDADE NO ESPELHO

ACADEMIAS EM FOCO

68 TRT-20 DEBATE O UNIVERSO QUILOMBOLA EM SERGIPE

FILOSOFIA & POLÍTICA

74 OS XOKÓ E A FESTA DA DEMOCRACIA



CONTATE SUA AGÊNCIA DE PUBLICIDADE OU CLICANDO [AQUI](#) E FALE DIRETAMENTE CONOSCO
Elenaldo Santana [\(79\) 99949-9262](#)



CLIQUE AQUI

TEMOS VAGAS

ITABAIANA E N. SRA DA GLÓRIA

PCD

REQUISITOS:

Ensino médio completo;
Nível superior (diferencial);

COMPETÊNCIAS:

Boa comunicação;
Capacidade de trabalhar
em equipe;
Proatividade;
Organização;
Criatividade.



INTERESSADOS DEIXAR CURRÍCULO

NA LOJA;
PELO LINK NA BIO DO NOSSO
INSTAGRAM (TRABALHE CONOSCO);
Ou pelo WhatsApp:
(79) 9 9932-1384



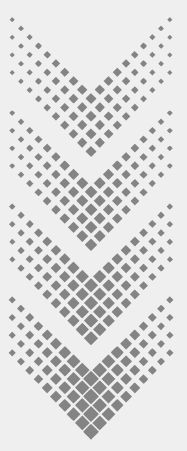
**nunes
peixoto**
ONDE OS AMIGOS SE ENCONTRAM!

EDITORIAL

cinformonline.com.br

VALMIR PRECISA APRESENTAR PROVAS OU PEDIR DESCULPAS

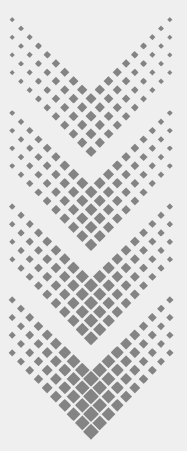
Valmir de Francisquinho surgiu nas redes sociais, na última semana, com uma declaração grave e preocupante. Ao aproveitar a crise nacional envolvendo Daniel Vorcaro, o Banco Master e ministros do Supremo Tribunal Federal, afirmou que “Sergipe poderá ter uma surpresa muito grande”. A frase foi lançada no contexto de uma suposta ligação do governador Fábio Mitidieri com o caso, mas sem a apresentação de documento, registro, depoimento ou qualquer elemento objetivo que sustentasse a insinuação. Esse tipo de comportamento não pode ser tratado como simples provocação eleitoral. Uma coisa é criticar um governo, questionar contratos, cobrar explicações e apontar contradições. Tudo isso é legítimo



e necessário em uma democracia. Outra, muito diferente, é aproveitar um escândalo nacional para lançar o nome de um adversário numa nuvem de suspeita, deixando que a imaginação das redes faça o restante do serviço.

Até agora, Valmir não mostrou a tal lista, não explicou qual seria a participação de Fábio Mitidieri e não indicou a origem concreta da informação. Valmir tem duas opções. Se possui provas, deve apresentá-las imediatamente, com clareza, responsabilidade e coragem. Se não possui, deve retirar o que insinuou. O que não pode é brincar de acusar, esconder-se atrás de frases vagas.

A fala também revela um problema político. Quando um candidato troca propostas por ilações, transmite a impressão de que lhe faltam argumentos para enfrentar o debate real. Sergipe quer saber como serão ampliados os serviços de saúde, quais suas propostas. O eleitor espera respostas, não charadas.



Fábio Mitidieri pode e deve ser cobrado, como todo governante. Inclusive sobre denúncias e questionamentos que sejam formulados de maneira séria. Mas cobrança se faz com fatos e documentos. Não com ilações, meias palavras e uma “surpresa” anunciada. É compreensível que a pressão aumente quando as pesquisas colocam o governador na liderança.

Valmir conhece bem a responsabilidade de um cargo público e sabe que palavras têm consequências. Por isso, sua declaração não pode ser relativizada como um arroubo de palanque. Quem sonha em governar Sergipe precisa demonstrar equilíbrio para distinguir denúncia de fofoca, fiscalização de oportunismo e oposição de irresponsabilidade. Os sergipanos merecem uma campanha firme, dura e até ácida, mas limpa. Se Valmir tem o que revelar, que revele. Se não tem, que pare de transformar o vazio em manchete. Um candidato ao Governo não pode agir como administrador de boatos de praça pública.





CLIQUE AQUI

Aluguel comercial

Cód. 15341

 Bairro Salgado Filho

 **VALOR**
CONDOMÍNIO PARA O COMÉRCIO E SERVIÇOS



Galeria Rezende



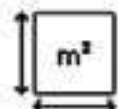
-



1 WC



1 vaga



23,95 m²

R\$ 2.500,00

Condomínio: R\$ 200,00



Entre em contato

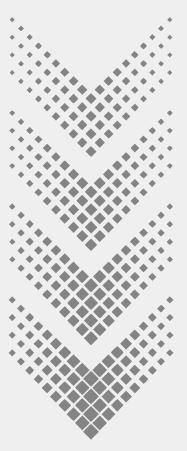
(79) 92675-7308



A CAMPANHA ENTRA NA FASE EM QUE O IMPROVISO COBRA A CONTA

A eleição sergipana entrou naquela etapa em que cada gesto pesa mais, cada frase circula mais rápido e cada erro deixa marcas. A pouco menos de três semanas do primeiro turno, a disputa já não comporta ensaio. É hora de mostrar consistência, apresentar propostas e provar capacidade para governar. Quem tem obra, resultado e alianças consolidadas tenta transformar entrega em voto. Quem ainda não encontrou um caminho competitivo corre o risco de substituir projeto por ruído.

Fábio Mitidieri chega à reta decisiva liderando levantamentos recentes, apoiado por uma ampla rede de prefeitos e por uma campanha



que busca associar continuidade a realizações. Valmir de Francisquinho tenta manter viva a imagem de principal adversário, mas parece cada vez mais tentado pelo atalho das insinuações. Ricardo Marques, por sua vez, luta para romper a polarização e convencer o eleitor de que sua candidatura não será comprimida pelo voto útil.

No Senado, a eleição continua fragmentada e imprevisível. Como o eleitor pode escolher dois nomes, alianças no palanque não garantem transferência automática. Já nas disputas proporcionais, começa a aparecer a diferença entre presença digital e estrutura real. A campanha entra, enfim, no momento da verdade.

ILAÇÃO I

A fala de Valmir de Francisquinho sobre uma suposta “surpresa” envolvendo Sergipe no caso Banco Master, elevou a temperatura, mas também elevou a cobrança: agora, o candidato terá de provar o que insinuou. Até aqui, não apareceu

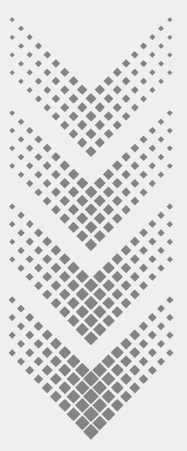
publicamente lista, contrato, depoimento ou investigação que comprove a associação sugerida por Valmir entre Fábio Mitidieri e o caso Banco Master.

ILAÇÃO II

Se a “surpresa muito grande” existe, por que não apresentá-la? O eleitor não precisa de suspense; precisa de informação. Política não é série de televisão em que o candidato encerra o episódio prometendo cenas do próximo capítulo. Quem lança uma suspeita grave assume o dever de sustentá-la. Este episódio deixa Valmir diante de uma fragilidade: qual é, afinal, o conjunto de propostas novas que sua campanha oferece a Sergipe?

COBRANÇA

O candidato a governador, Ricardo Marques, tem buscado explorar problemas do abastecimento de água e informou ter cobrado providências após sucessivos comunicados e interrupções. É um tema que toca diretamente a população. Ricardo bate



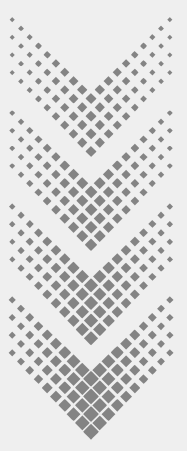
nessa tecla quase que monotemático. Já viu que o tema pode render dividendos políticos. Mas Ricardo precisa avançar, falar de outros temas e se posicionar entre Fábio e Valmir.

POSICIONAMENTO

E nesta onda de posicionamento, as três principais campanhas de governador buscam seus públicos de forma distinta. Fábio vende continuidade com entrega. Valmir vende mudança com apelo popular. Ricardo tenta oferecer uma ruptura mais ideológica. A reta final dirá qual narrativa conversa melhor com as urgências do eleitor — e qual ficou presa à própria bolha. É preciso que cada equipe analise bem os cenários e pesque eleitores no aquário do adversário.

CAMPANHA

A disputa pelo Senado é mais difícil de ler porque cada eleitor pode votar em dois candidatos. Isso permite combinações improváveis: um nome da chapa pode receber o primeiro voto, enquanto o segundo atravessa fronteiras partidárias.



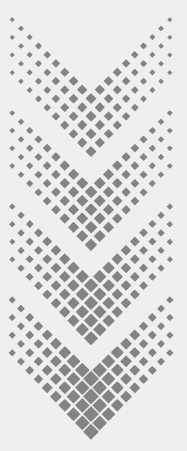
A fidelidade ao palanque tem limite. Com duas cadeiras em disputa e muitos candidatos competitivos, ninguém pode agir como eleito. A eleição para o Senado em Sergipe continua aberta a movimentos de última hora.

ROGÉRIO

Rogério Carvalho tem partido, mandato, identidade política conhecida e uma forte militância. Seu desafio não é ser apresentado ao eleitor, mas ampliar a candidatura além do eleitorado petista e transformar a aliança com Fábio em capilaridade estadual. Colado umbilicalmente a Lula, Rogério se apresenta como senador do atual presidente e aposta totalmente em ser sombra de Lula para garantir o voto fiel do PT.

ANDRÉ MOURA

André Moura aposta em articulação, experiência e presença junto a prefeitos. Numa eleição de duas vagas, sua força está na rede municipal. O risco é depender excessivamente da política



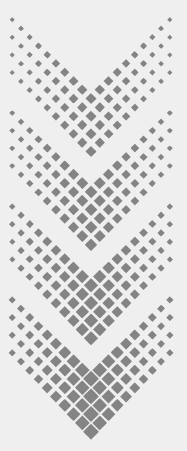
de lideranças e não produzir conexão direta suficiente com o eleitor comum. Além disso, André se apresenta como o senador Fábio e cola sua imagem na do governador – até mais do que Rogério, o outro candidato de Fábio. André tem o desafio de melhorar sua imagem junto aos aracajuanos.

ANDRÉ DAVID

O delegado André David tenta ocupar o espaço da segurança pública e do eleitor conservador. O bom desempenho inicial aumenta sua exposição, mas também muda o tratamento dos adversários: quem aparece no topo deixa de ser novidade e vira alvo. André pouco fala de Bolsonaro e parece não querer colar sua imagem a do ex-presidente. André aposta mais na imagem de Emília e nos feitos de quando atuava como delegado.

EDUARDO AMORIM

Eduardo Amorim carrega memória eleitoral e reconhecimento de nome, ativos importantes numa disputa congestionada. Precisa, porém,



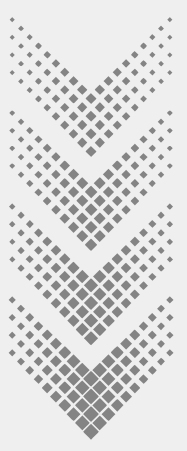
convencer que sua candidatura representa futuro, e não apenas lembrança de campanhas anteriores. Eduardo também tem colado sua imagem a da prefeita Emília Correa e aparecido constantemente usando jaleco de médico para mostrar que quer “cuidar” dos sergipanos.

ALESSANDRO VIEIRA

Já Alessandro Vieira busca a reeleição com discurso de independência e atuação nacional. O desafio é traduzir temas de Brasília para a vida prática do eleitor sergipano. Mandato conhecido fora do estado precisa ser sentido dentro dele. Alessandro tentou surfar na onda da crise do Supremo Tribunal Federal (STF) para dizer que ele vem combatendo os desmandos de ministros desde o início do seu mandato. Parece que não colou.

EDVALDO NOGUEIRA

Edvaldo tem como principal patrimônio político a experiência acumulada durante sua longa passagem pela Prefeitura de Aracaju. Foram vários mandatos à frente



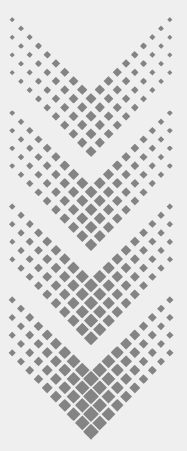
da capital, período em que construiu uma imagem de gestor experiente, conhecedor da administração pública e capaz de conduzir grandes projetos. Agora, a eleição para o Senado testará se essa marca consolidada em Aracaju consegue atravessar com força as fronteiras da capital e alcançar o eleitorado do interior.

RODRIGO VALADARES

Rodrigo Valadares possui eleitorado ideologicamente identificado, mandato federal e forte presença nas redes sociais. São ativos importantes numa disputa fragmentada pelo Senado. Seu maior problema está dentro do próprio campo: as divergências públicas com Ricardo Marques e Coronel Rocha passam a imagem de um grupo que pede confiança ao eleitor sem conseguir organizar a própria casa. Se não reconstruir pontes, pode desperdiçar energia disputando espaço com aliados enquanto os adversários avançam.

CORONEL ROCHA

Bolsonarista de primeira ordem, o coronel Rocha vem enfrentando certas dificuldades



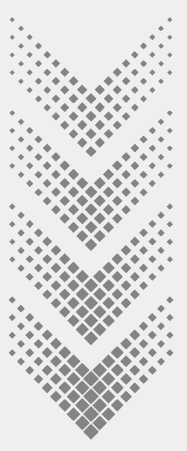
na campanha dentro do próprio partido. O episódio público em que Coronel Rocha endureceu o tom contra Rodrigo Valadares expôs fissuras no campo do PL. Campanha para o Senado exige unidade mínima. Quando aliados discutem em público, os adversários economizam munição. Rocha questionou o não recebimento de recursos para a campanha.

IRAN BARBOSA

Iran Barbosa representa uma candidatura de esquerda com trajetória, coerência ideológica e ligação histórica com a educação e o serviço público. Num cenário congestionado, sua dificuldade será romper a faixa mais fiel do eleitorado progressista e ganhar escala estadual. Ao mesmo tempo, pode se beneficiar de eleitores que desejam um nome de esquerda fora das estruturas mais tradicionais. Tem discurso reconhecível; precisa transformá-lo em competitividade eleitoral.

CAMPANHA FRIA

Agora, uma coisa tem chamado a atenção na campanha do Senado: os poucos



ataques entre eles. Em 2018 e 2022, tínhamos muitas críticas e embates entre os candidatos. Mais fortemente em 18, quando as chapas tinham dois candidatos, vimos fortes embates entre Rogério Carvalho e Jackson, André Moura e Heleno Silva. Naquele ano, Alessandro surfou tranquilo na onda do bolsonarismo e fortalecimento direita. Será que teremos embates neste ano?

ALÉM DA TROPA I

O coronel Ribeiro tem feito uma campanha diferente de todos os militares que se apresentaram e se apresentam para o eleitorado nos últimos anos. Tudo bem que Ribeiro passou pelo Comando Geral da PM e foi um dos melhores, mas Ribeiro não fala somente com sua tropa. Ribeiro comandou a Polícia Militar com firmeza, equilíbrio e responsabilidade, sem transformar a segurança pública em palco para bravatas. Foi uma atuação técnica, segura e distante do populismo. Num ambiente político dominado por frases de efeito, apresentar resultados concretos pode ser o seu maior diferencial.

ALÉM DA TROPA II

A candidatura de Coronel Ribeiro demonstra capacidade para ultrapassar os limites do eleitorado ligado às forças de segurança. Sua trajetória interessa também a comerciantes, trabalhadores, famílias e comunidades que experimentaram os efeitos da redução da violência no período em que ele foi comandante geral da PM. Ribeiro conseguiu transformar a Segurança Pública em uma pauta não simplesmente corporativa; mas numa necessidade de toda a sociedade. Ponto pra ele.

PROPRIÁ

Luciano de Menininha chega a esta eleição com uma vantagem política: pode apresentar organização administrativa e resultados na educação como credenciais para pedir votos. Prefeito que arruma a casa ganha autoridade para participar da disputa estadual. O avanço do IDEB de Propriá oferece a Luciano um argumento mais forte que qualquer fotografia de

palanque. Resultado mensurável dá peso ao apoio. O eleitor pode até não decorar índices, mas reconhece quando a escola pública melhora.

PARDAL ATENTO

O Tribunal Regional Eleitoral está de olho! Em menos de 30 dias, o aplicativo Pardal recebeu mais de 140 denúncias em Sergipe, resultando na abertura de 76 processos relacionados a possíveis irregularidades na propaganda eleitoral. Os números mostram que o cidadão está mais atento e disposto a fiscalizar o comportamento de candidatos, partidos e coligações durante a campanha.

CRÍTICAS E SUGESTÕES

viana.jornalista@gmail.com

CIFORM | comercial@cinformonline.com.br





CLIQUE AQUI



Centro • Barra dos Coqueiros/SE



Residencial

Aluguel

Exclusivo Valor

#15641



Terras Alphaville 2



QUARTOS

3



VAGAS

2



ÁREA

150,80m²



SUITES

1

Aluguel

R\$ 8.000,00

Condomínio

R\$ 462,06



Entre em contato

(79) 92675-7308

● ● ● >> WWW.CINFORMONLINE.COM.BR

ANUNCIE AQUI! CINFORMONLINE

.....

SEGUNDA A SEXTA

**AGORA FICOU
MAIS FÁCIL
PUBLICAR
SEUS EDITAIS
E LICENÇAS
AMBIENTAIS**

CONTATO

CLIQUE AQUI



**CONTATE SUA AGÊNCIA DE PUBLICIDADE OU
CLICANDO [AQUI](#) E FALE DIRETAMENTE CONOSCO**
Elenaldo Santana (79) 99949-9262

Email: comercial@cinformonline.com.br



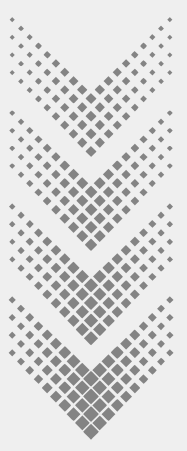
FOTOS DIVULGAÇÃO



CANDIDATOS AO GOVERNO DE SERGIPE APRESENTAM PROPOSTAS PARA A SEGURANÇA PÚBLICA

As informações constam nos planos de Governo registrados no TRE-SE

O **Cinform on line** traz nesta edição um resumo do que propõe os candidatos a governador de Sergipe para a Segurança Pública, área que conseguiu importantes avanços nos últimos anos no estado.



As informações foram retiradas dos planos de Governo registrados na Justiça Eleitoral e disponíveis para todos os sergipanos no Divulgacand, site onde também podem ser verificadas outras informações sobre as candidaturas, incluindo as receitas e despesas.

Os seis candidatos ao Governo de Sergipe apresentam diferentes estratégias para enfrentar a violência e a criminalidade no Estado. Embora tecnologia, inteligência policial, integração entre as forças de segurança e valorização dos profissionais apareçam em diferentes planos de governo, as propostas variam entre uma atuação mais voltada à repressão qualificada, a prevenção social e a ampliação da presença policial nos territórios.

FÁBIO MITIDIERI - PSD

Candidato à reeleição e com resultados positivos da sua gestão na área, o governador Fábio Mitidieri propõe a ampliação do uso de tecnologia, inteligência policial e integração entre

as instituições. Entre as propostas estão o fortalecimento do Centro Integrado de Operações em Segurança Pública (CIOSP), a expansão do videomonitoramento inteligente, o uso de inteligência artificial e análise preditiva e o compartilhamento de informações entre as forças de segurança.

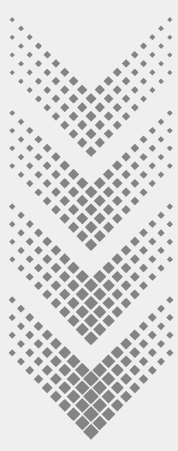


Os seis candidatos ao Governo de Sergipe apresentam diferentes estratégias para enfrentar a violência e a criminalidade no Estado.”

O plano também prevê o fortalecimento das operações integradas entre Polícia Militar, Polícia Civil, Corpo de Bombeiros, Polícia Científica e demais instituições, além da qualificação dos profissionais e ampliação dos investimentos tecnológicos.

VALMIR DE FRANCISQUINHO - REPUBLICANOS

Valmir de Francisquinho apresenta um conjunto de propostas com foco em gestão integrada, tecnologia e



regionalização. Entre as medidas estão a criação do Comitê Estadual de Gestão Integrada da Segurança Pública, do Painel Sergipe Seguro e do programa Sergipe Inteligente. O plano prevê ainda uma Muralha Digital Sergipana, com câmeras inteligentes, leitura automática de placas, inteligência artificial e drones, além de uma Central Integrada Estadual reunindo diferentes forças e serviços de emergência.



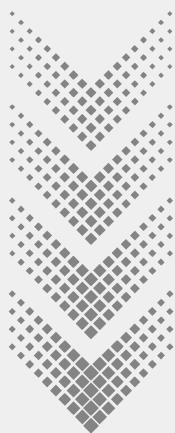
Tecnologia, inteligência policial, integração entre as forças de segurança e valorização dos profissionais aparecem em diferentes planos de governo.”

O candidato também propõe ampliar efetivos, modernizar equipamentos, descentralizar a Polícia Científica, fortalecer o policiamento rural e criar o comando especializado de policiamento de divisas. O plano também inclui programas específicos para mulheres e grupos vulneráveis, segurança digital, estrutura para o Grupamento Tático Aéreo e políticas de valorização dos profissionais.

RICARDO MARQUES - PL

Ricardo Marques propõe uma política de segurança baseada na combinação entre prevenção social, presença territorial, repressão qualificada, investigação, inteligência e tecnologia. Um dos principais pontos é a criação do Programa Tolerância Zero, voltado ao enfrentamento do crime organizado, tráfico de drogas e armas, lavagem de dinheiro e controle das divisas. O plano também prevê o Programa Sergipe com Segurança, para integrar bancos de dados das forças estaduais, municipais e federais, e uma política de Segurança 360, com metas territorializadas e monitoramento dos resultados.

Entre outras propostas estão o fortalecimento do policiamento comunitário e rural, a regionalização dos serviços da Polícia Científica e do Corpo de Bombeiros, além do Programa Protege Mulher, voltado à prevenção do feminicídio e ao enfrentamento da violência contra a mulher.



DR. HELTON MONTEIRO - PSOL

Dr. Helton Monteiro coloca a prevenção e a proximidade com a população no centro da política de segurança. A proposta de Polícia Cidadã prevê policiamento comunitário, câmeras nos uniformes, inteligência, investigação qualificada e valorização dos profissionais, com formação permanente em direitos humanos.

O candidato também defende um Plano Estadual de Segurança Pública com metas de curto, médio e longo prazo e integração com políticas de educação, saúde, habitação, cultura, lazer e emprego, especialmente em áreas de maior vulnerabilidade. Também defende uma política de drogas baseada em redução de danos e saúde pública, além de medidas específicas de combate à



**CLIQUE AQUI
BAIXE SUA EDIÇÃO
SEMANAL**

CONHEÇA NOSSO PORTAL
WWW.CINFORMONLINE.COM.BR

violência contra a mulher, ao racismo e à LGBTfobia e de proteção a crianças, adolescentes, jovens, povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais.

EMANUEL CACHO - PSDB

Emanuel Cacho defende uma política que combine presença policial qualificada, inteligência e tecnologia e prevenção social. O plano prevê a expansão do videomonitoramento integrado nas principais rodovias e centros urbanos, com análise de imagens e leitura automática de placas. Também estão previstas a integração das unidades de inteligência das polícias Civil e Militar com dados do Judiciário e do Ministério Público, além da criação de metas regionais públicas para redução da criminalidade.

Na valorização profissional, Cacho propõe concursos regulares para recomposição e ampliação dos efetivos, renovação de frota e equipamentos e atenção à saúde física e mental dos agentes. Na prevenção, defende ações de

esporte, cultura, qualificação e emprego em áreas vulneráveis, além do reforço às políticas de enfrentamento à violência doméstica e de gênero.

TATY CRISTINA - DC

Taty Cristina apresenta propostas concentradas na estruturação e qualificação do sistema de segurança. O plano prevê recomposição do efetivo com base em estudos técnicos, aposentadorias, déficit e capacidade orçamentária, além da realização de concursos quando houver necessidade e viabilidade legal e fiscal.

A candidata também defende o fortalecimento da formação e valorização das forças de segurança, investimentos em inteligência, investigação e integração entre órgãos, além de ações de prevenção da violência entre jovens. A proteção de mulheres, crianças e adolescentes aparece entre as prioridades, assim como a ampliação do uso de tecnologia e da análise criminal.



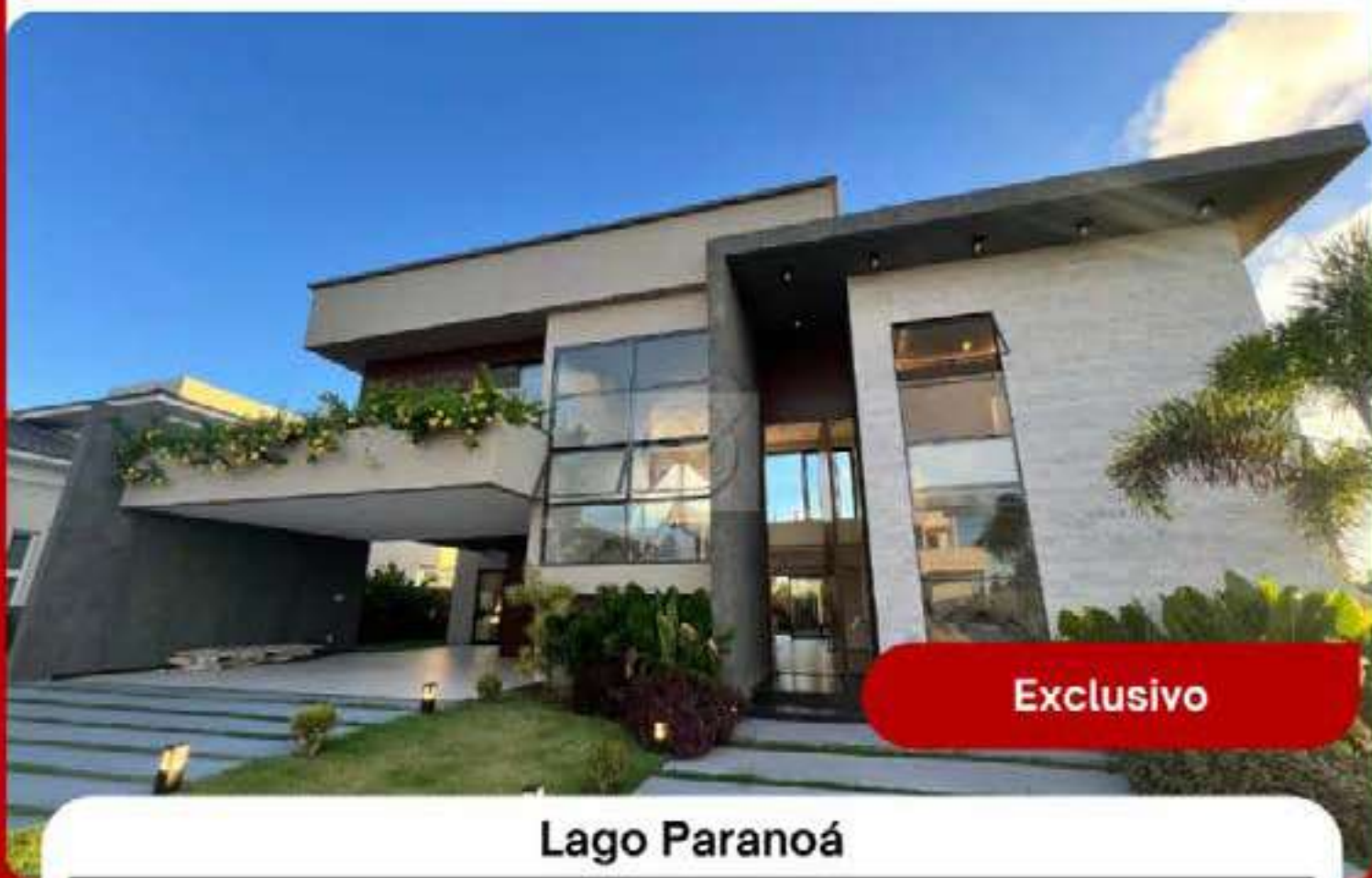
 CLIQUE AQUI

Aluguel Residencial

Cód. 15648

 **Bairro Mosqueiro**

 **VALOR**



Exclusivo

Lago Paranoá



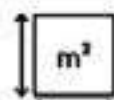
5 Quartos



5 Suítes



6 vagas



775 m²

R\$ 30.000,00

Condomínio: R\$ 1.160,07



Entre em contato

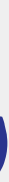
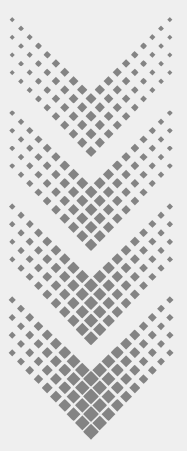
(79) 92675-7308



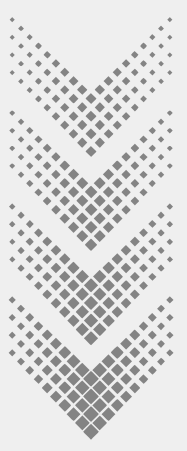
FEMINICÍDIO: SERGIPE NÃO PODE SE ACOSTUMAR A CONTAR MULHERES MORTAS

Enquanto o Brasil registra redução, Sergipe acende um sinal de alerta com o crescimento dos feminicídios. Em plena eleição, o tema exige mais do que indignação: exige prevenção, compromisso político e coragem para chegar antes da morte.

“Não queremos conhecer mulheres pelas fotografias depois que elas morrem. Queremos que a política as enxergue enquanto ainda estão pedindo socorro.”

The logo for CINFORMa line, featuring the word "CINFORM" in large, bold, blue capital letters, and "a line" in a smaller, yellow, cursive script font, positioned to the right of "CINFORM".

11 of 11



Os números precisam ser publicados porque revelam a dimensão do problema, mas não podemos permitir que eles retirem o rosto das vítimas. Cada estatística representa uma mulher que tinha nome, família, projetos, trabalho, filhos, amigos e uma história que foi interrompida. Representa uma cadeira que ficou vazia dentro de casa, filhos que podem crescer sem a mãe e famílias obrigadas a conviver para sempre com uma ausência. Quando os registros avançam dessa maneira em Sergipe, não estamos diante apenas de uma questão de segurança pública. Estamos diante de um problema social que exige respostas concretas e coloca a política diante de sua responsabilidade.

Feminicídio também é uma questão política. É na política que leis são discutidas, recursos são destinados, redes de proteção podem ser fortalecidas e mecanismos de fiscalização aperfeiçoados. É através dela que podemos ampliar estruturas de acolhimento, utilizar tecnologia para acompanhar agressores

e construir oportunidades para que uma mulher economicamente dependente tenha condições reais de romper com aquele que a agride.

Estamos em período eleitoral. Dentro de poucas semanas, os sergipanos escolherão representantes que terão poder para legislar, votar mudanças importantes e colocar determinadas questões no centro das decisões nacionais. Portanto, é legítimo e necessário perguntar a quem pede nosso voto: qual lugar a vida das mulheres ocupará em seu mandato?

Na disputa pelo Senado em Sergipe, André Moura vem colocando o enfrentamento ao feminicídio e a proteção das mulheres entre as prioridades apresentadas em sua campanha. Entre as medidas defendidas publicamente estão o monitoramento eletrônico de agressores, o fortalecimento da proteção às vítimas, a autonomia econômica feminina, a geração de oportunidades para mulheres em situação de vulnerabilidade

e o endurecimento da resposta penal aos autores de crimes contra mulheres.

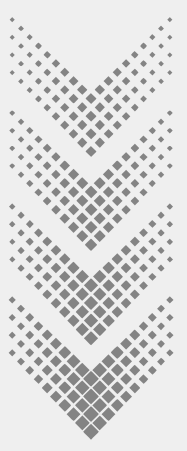
André também passou a defender uma proposta de grande repercussão: a prisão perpétua para autores de feminicídio. É necessário registrar, com responsabilidade jornalística, que a Constituição Federal atualmente proíbe penas de caráter perpétuo e uma mudança dessa dimensão enfrentaria uma profunda discussão constitucional. O próprio candidato reconhece essa barreira e afirma que pretende levar o debate ao Senado. Podemos discutir a viabilidade jurídica, concordar ou discordar do caminho proposto. Isso faz parte da democracia. O que não deveria admitir divergência é a urgência de enfrentar o feminicídio.

Como jornalista e mulher que acompanha há anos as discussões relacionadas à violência contra as mulheres, considero que nosso maior desafio não pode começar depois do crime. Punir rigorosamente quem mata uma mulher é necessário, mas, quando

chegamos à condenação do feminicida, uma vida já foi perdida. Quando chegamos ao feminicídio, chegamos tarde.

Antes do assassinato, frequentemente existem sinais: controle excessivo, ameaças, perseguição, humilhação, violência psicológica, agressões físicas, isolamento da família, dependência financeira e a incapacidade do agressor de aceitar o fim de uma relação. É justamente nesse intervalo entre os primeiros sinais e a violência extrema que precisamos ser mais eficientes.

Uma mulher que encontra coragem para procurar uma delegacia não pode sair de lá apenas com a esperança de que seu agressor respeitará uma determinação judicial. Medida protetiva precisa significar proteção efetiva. Se existe tecnologia capaz de monitorar o agressor e alertar sobre sua aproximação, ela precisa estar nessa discussão. Segurança pública, Justiça, Ministério Público, assistência social e saúde precisam funcionar como uma verdadeira rede. Não podemos



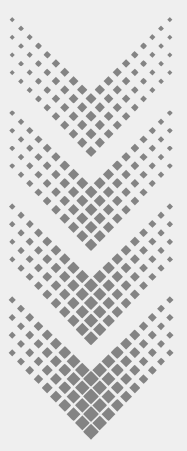
continuar descobrindo depois de uma morte que aquela mulher já havia denunciado, já tinha sido ameaçada ou já havia pedido ajuda.

PRECISAMOS CHEGAR ANTES.

E existe uma dimensão dessa violência que não pode continuar escondida: a dependência econômica. Perguntamos com facilidade por que uma mulher não deixou o agressor. Poucas vezes perguntamos para onde ela poderia ir. Como pagaria o aluguel? Como alimentaria seus filhos? Com quem deixaria as crianças enquanto procurasse emprego? Como reconstruiria a vida depois de anos sem independência financeira?

É muito simples dizer “vá embora” quando não somos nós que precisamos descobrir onde dormir com os filhos naquela mesma noite.

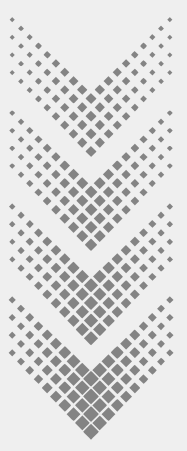
Por isso, autonomia econômica também precisa ser compreendida como instrumento de prevenção. Nesse aspecto, merece atenção o fato de a agenda



apresentada por André Moura não se limitar ao endurecimento das penas. Entre as propostas divulgadas estão medidas relacionadas à geração de emprego e renda para mães solo e mulheres vítimas de violência, ampliação da rede de proteção, atenção à saúde feminina e incentivo à independência econômica.

Emprego não substitui segurança pública. Renda não substitui medida protetiva. Mas ambos podem oferecer a uma mulher aquilo que o agressor frequentemente tenta retirar dela: a possibilidade de escolha.

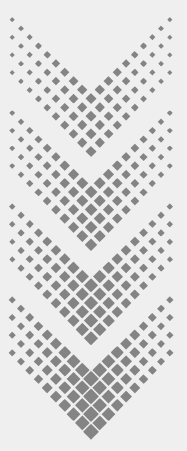
Uma política séria para mulheres começa antes da delegacia. Começa na educação, passa pela saúde, pela prevenção, pela independência financeira e pela capacidade de identificar situações de risco. Precisamos deixar de construir uma estrutura que se movimenta principalmente depois da agressão e começar a medir nossa eficiência pela quantidade de mulheres que conseguimos impedir que cheguem à condição de vítimas fatais.



É exatamente nesse ponto que compreendemos a importância da política. Quando uma mulher consegue uma medida protetiva, existe política. Quando um agressor é monitorado, existe política. Quando uma delegacia especializada possui estrutura para funcionar, existe política. Quando uma mãe encontra acolhimento para sair de casa com seus filhos, existe política. Quando uma vítima consegue emprego e deixa de depender financeiramente do homem que a agride, também existe política.

Por isso importa que um candidato ao Senado apresente compromissos claros sobre o tema. Mas colocar a pauta feminina entre as prioridades de uma campanha também produz uma responsabilidade: ser cobrado por ela.

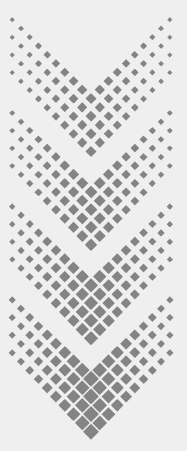
Se André Moura coloca o enfrentamento ao feminicídio e a proteção das mulheres entre suas prioridades, esse compromisso precisa permanecer registrado. A campanha termina, os palanques são desmontados



e as bandeiras são guardadas. É no exercício do mandato que a sociedade poderá medir a distância entre aquilo que foi prometido e aquilo que efetivamente será realizado.

Há ainda um aspecto importante quando um homem assume publicamente essa responsabilidade. O combate ao feminicídio não pode continuar sendo tratado como uma luta exclusivamente das mulheres. Precisamos dos homens nessa transformação. Pais educando meninos para respeitar mulheres, homens interrompendo comportamentos violentos de outros homens, empresários oferecendo oportunidades às vítimas, professores trabalhando prevenção e parlamentares utilizando seus espaços de poder para enfrentar uma realidade que não pode mais ser normalizada.

Defender a vida das mulheres não significa promover uma guerra entre homens e mulheres. Significa enfrentar a violência.



Os números de Sergipe exigem que abandonemos discursos confortáveis. Uma elevação de 71,4% nos registros de feminicídio no primeiro semestre não pode virar apenas manchete por alguns dias e depois desaparecer. Precisamos saber onde esses crimes estão acontecendo, qual era a relação entre vítima e agressor, quantas mulheres haviam procurado ajuda anteriormente, quantas possuíam medidas protetivas, quais sinais de risco existiam e onde a rede de proteção falhou.

PRECISAMOS TRANSFORMAR NÚMEROS EM PREVENÇÃO.

Talvez esteja aí uma das mudanças mais importantes que podemos fazer. Durante anos aprendemos a avaliar a violência contando vítimas. Precisamos começar a perguntar quantas conseguimos proteger. Quantas medidas protetivas foram efetivamente fiscalizadas? Quantos agressores foram monitorados? Quantas mulheres conseguiram romper relacionamentos violentos? Quantas encontraram

acolhimento? Quantas conquistaram independência financeira?

E, PRINCIPALMENTE: QUANTAS PERMANECERAM VIVAS?

Estamos a poucas semanas das urnas. Quem pretende representar Sergipe precisa compreender que a defesa das mulheres não pode ser uma bandeira levantada apenas durante a campanha. André Moura escolheu colocar o enfrentamento ao feminicídio entre as prioridades apresentadas em sua caminhada ao Senado. Isso merece ser registrado e, exatamente por isso, deverá ser acompanhado e cobrado.

Sergipe não pode aprender a conviver com mulheres assassinadas. Cada feminicídio representa uma vida interrompida, uma família marcada e, muitas vezes, filhos obrigados a crescer sem a mãe. Diante dessa realidade, a pergunta que deveria nos perseguir não é apenas como punir quem matou, mas onde poderíamos ter agido para impedir a morte.

Precisamos chegar antes. Antes da ameaça se transformar em agressão, antes do medo virar rotina, antes do pedido de socorro ser ignorado e, sobretudo, antes que o nome de mais uma mulher se transforme em manchete.

Uma mulher precisa ter o direito de dizer “não”, terminar uma relação, reconstruir sua história e seguir seu caminho sem pagar com a própria vida pela decisão de ser livre.

O combate ao feminicídio não pode começar depois da morte. A resposta que realmente importa é quantas mulheres conseguimos manter vivas.

LÍCIA MELO

Jornalista / Hubmark / Empreendedora Cultural e Social - @bolsademulhernews



MONA LIZA MENEZESAdministradora, Especialista
em Gestão de Pessoas e em
Logística► Email
monalizamyrlamenezes@gmail.com

MAIS COOPERAÇÃO, MENOS SOLIDÃO: A VIRADA DE CHAVE NO EMPREENDEDORISMO FEMININO

Por muito tempo, era mantida uma falsa ideia de que o topo do mercado é um lugar solitário e altamente competitivo. Para as mulheres, essa narrativa ganhava um peso ainda maior, alimentada pelo mito ultrapassado da rivalidade feminina. No entanto, quem circula pelo ambiente de negócios em Sergipe e em outros Estados percebe um movimento completamente oposto. A competição agressiva está dando lugar a uma estratégia muito mais inteligente e acolhedora: a cooperação. Empreender liderando o próprio negócio é uma jornada desafiadora. Quando olhamos para a realidade da mulher, o cenário envolve

a tradicional jornada dupla (ou tripla), que mistura a gestão da empresa com os cuidados da casa e da família. Cruzar essa estrada sem uma rede de apoio torna o processo exaustivo e, muitas vezes, leva à desistência. É justamente nessa dor que nascem as redes de networking feminino, ecossistemas onde mulheres não apenas compram de outras mulheres, mas partilham dores, indicam clientes e compartilham soluções.

Fortalecer o negócio de outra mulher não diminui o seu espaço no mercado; pelo contrário, expande a mesa para que todas possam sentar. Em Aracaju e no interior do estado, feiras de empreendedorismo, grupos de mentorias e coletivos de marcas locais provam que o crescimento sustentável é feito em bloco. Quando uma empresária



indica uma fornecedora parceira, ela contribui para a qualidade daquele serviço e fortalece a economia local.

A cooperatividade entre empreendedoras e negócios são de suma importância para o comércio local, além de contribuir para o fortalecimento impulsiona a expansão por exemplo: se o nicho for varejo de roupas infantis de 0 a 5 anos e a empreendedora obter apoio em outra que o nicho são vestuário juvenil, podem indicar caso o cliente tenha interesse em outro nicho ou produto.

Participar ativamente de comunidades locais, investir em parcerias estratégicas em vez de enxergar a colega de segmento como inimiga e praticar o consumo consciente entre lideranças femininas são os passos práticos dessa transformação. Afinal, o sucesso de uma mulher nos negócios nunca deve ser um evento isolado, mas sim o combustível que impulsiona a próxima.



VOLTAR PARA
PRIMEIRA PÁGINA



VOLTAR PARA
ÍNDICE CADERNOS

DESCOMPLIQUE A ECONOMIA

MARCIO ROCHA

JORNALISTA E ECONOMISTA

A CRISE DO STF MOSTRA O QUANTO SOMOS DERROTADOS

A recente matéria da The Economist sobre o Supremo Tribunal Federal chama atenção para um paradoxo que merece ser discutido com serenidade: uma instituição que teve papel relevante na defesa das instituições democráticas brasileiras passou a enfrentar questionamentos sobre os próprios limites de sua atuação. A provocação da revista aparece já no título: “When the defenders of democracy turn their backs on it instead”, ou, em tradução livre, “Quando os defensores da democracia lhe dão as costas”.

É uma frase forte. E justamente por isso merece ser analisada com cuidado.

A questão não é simplesmente Alexandre de Moraes, André Mendonça ou qualquer outro ministro. O ponto central é institucional. O STF ocupa hoje uma posição extraordinariamente relevante na vida política brasileira. Em diferentes momentos, decisões da Corte passaram a interferir diretamente em temas que envolvem o Executivo, o Congresso, investigações, eleições, liberdade de expressão e o próprio funcionamento das instituições.

Parte desse protagonismo decorre das características da Constituição de 1988 e das competências atribuídas ao Supremo. Outra parte resulta do ambiente político brasileiro, no qual conflitos que não são resolvidos adequadamente pelos Poderes políticos acabam chegando ao Judiciário.

O problema começa quando a expansão do poder institucional não é acompanhada pela percepção equivalente de controle, transparência e previsibilidade. Uma Suprema Corte precisa ser forte para proteger a

Constituição. Mas, justamente porque possui esse poder, precisa também demonstrar que está submetida a limites.

Esse é o ponto mais relevante da discussão levantada pela The Economist. Não se trata de afirmar que o STF seja uma ameaça à democracia. Essa é uma conclusão editorial da revista e deve ser tratada como tal. O que precisa ser analisado objetivamente são os fatos que deram origem à crítica: procedimentos adotados pelo Tribunal, concentração de poderes em determinados inquéritos, relação entre investigação e julgamento, decisões individuais, conflitos entre ministros e questionamentos envolvendo outros órgãos do Estado.

Esses episódios precisam ser examinados individualmente, porque crítica institucional não pode substituir análise jurídica. Mas também seria um erro utilizar a defesa da democracia como argumento para impedir qualquer questionamento ao Supremo.

Democracia não significa apenas proteger instituições democráticas contra aqueles que pretendem destruí-las. Significa também garantir que as próprias instituições que exercem poder permaneçam submetidas às regras, aos procedimentos e aos mecanismos de controle previstos pelo sistema constitucional.

Essa talvez seja uma das grandes questões brasileiras neste momento. O STF foi chamado, nos últimos anos, a desempenhar um papel excepcional diante de uma crise institucional excepcional. Isso ajuda a explicar sua crescente centralidade no cenário nacional. Mas existe uma consequência inevitável: quanto maior o poder de uma instituição, maior precisa ser sua responsabilidade institucional.

Uma Corte constitucional não pode depender apenas da correção jurídica de suas decisões. Ela também precisa preservar sua legitimidade, sua imparcialidade percebida e a confiança

pública em seus procedimentos. Quando a sociedade começa a enxergar ministros do Supremo como protagonistas de disputas políticas, em vez de árbitros institucionais, surge um problema que vai além de qualquer processo específico. E esse problema não pertence à esquerda, à direita, ao governo ou à oposição. Pertence ao Estado brasileiro.

Também é necessário evitar o extremo oposto. Questionar os poderes do STF não significa deslegitimar a Corte ou negar a importância de suas decisões na defesa da Constituição. Uma democracia precisa de um Judiciário independente, capaz de enfrentar inclusive maiorias políticas quando direitos fundamentais e regras constitucionais estiverem em risco.

O equilíbrio está justamente aí.

Um Supremo forte não deve ser um Supremo sem limites. Um Supremo independente não deve ser um Supremo sem controle institucional. E defender a democracia não significa conceder

imunidade institucional a quem exerce poder em seu nome. A conclusão da The Economist é igualmente provocativa: “The biggest loser would be Brazilian democracy”, ou “A maior perdedora seria a democracia brasileira”.

Essa talvez seja a parte mais importante da discussão. Uma crise entre ministros, órgãos de investigação e instituições políticas pode produzir consequências que ultrapassam os personagens envolvidos. Se a sociedade passa a enxergar o Supremo como parte permanente das disputas políticas, e não como uma instituição imparcial de arbitragem constitucional, a consequência potencial é a deterioração da confiança nas próprias instituições democráticas.

Por isso, a discussão não deveria ser reduzida a “ser a favor” ou “ser contra” o STF. O debate mais maduro é sobre limites, transparência, devido processo, separação de funções, accountability e equilíbrio entre os Poderes.

O Brasil não precisa de um STF fraco. Precisa de um STF forte institucionalmente, independente para cumprir sua missão constitucional e, ao mesmo tempo, suficientemente submetido às regras para que sua autoridade não dependa apenas da força de suas decisões.

No fim, a questão não é saber quem venceu a disputa entre ministros. A pergunta verdadeiramente importante é outra: quem protege as instituições quando aqueles que deveriam protegê-las também passam a ser questionados?

A resposta, em uma democracia constitucional, não pode ser uma pessoa, um ministro ou um Poder isoladamente. Deve ser o próprio sistema de regras, controles e contrapesos.



VOLTAR PARA
PRIMEIRA PÁGINA



VOLTAR PARA
ÍNDICE CADERNOS

 CLIQUE AQUI

Aluguel Comercial

Cód. 15649

 Bairro Grageru

 **VALOR**
CONDOMÍNIO COMERCIAL



Exclusivo

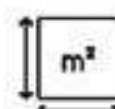
Ponto Comercial



2 WC's



3 vagas



300 m²

R\$ 20.000,00

Condomínio: -



Entre em contato

(79) 92675-7308

Cantinho da *Crônica*

Educadora
Cris Souza



QUEM SABE SER AMIGO NA FELICIDADE?

Durante muito tempo, achei que os amigos fossem reconhecidos nos dias difíceis.

Na doença.

Na perda.

No fracasso.

Naquela hora em que o telefone toca e precisamos apenas ouvir uma voz conhecida dizendo:

Estou aqui.

Com o tempo, descobri que não é tão simples. Há pessoas maravilhosas diante da nossa tristeza. Sentam ao nosso lado, lamentam conosco, oferecem palavras

bonitas, seguram
nossa mão. Mas
nem todas sabem
sobreviver à nossa
felicidade.



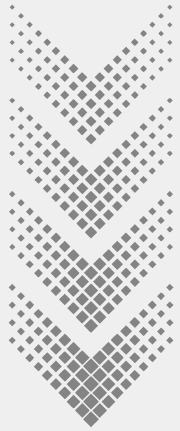
E talvez este
seja um dos testes
mais silenciosos
da amizade. Conte
a alguém que você
perdeu alguma
coisa e observe o abraço.

Depois conte que ganhou.

É curioso.

Uma conquista pode produzir silêncios
que uma tristeza jamais produziu.

Você conseguiu aquela aprovação que
perseguia havia anos. Foi convidado para
uma função importante. Publicou um livro.
Recebeu um prêmio. Começou um projeto.
Apareceu bonita numa fotografia. Comprou
uma roupa nova. Está feliz, simplesmente



feliz, dessas felicidades que nem precisam pedir licença para acontecer.

E alguma coisa muda.

Quase nada.

Mas muda.

O sorriso demora um segundo a mais.

O elogio chega magrinho.

E, quando você pensa que receberá um “parabéns”, aparece um “mas”.

O “mas” é uma criatura muito habilidosa.

Cabe depois de qualquer felicidade.

“Que bom, mas...”

“Você merece, mas...”

“Ficou linda, mas...” E lá se vai a nossa alegria para uma espécie de perícia que

ninguém solicitou. Às vezes, o incômodo veste roupa de conselho. Outras vezes, vem fantasiado de preocupação. Há ainda os mais sofisticados: não dizem nada.

O silêncio faz o serviço.

Demorei a compreender que algumas pessoas não desejam exatamente aquilo que temos.

Desejam não sentir o incômodo de nos ver tendo.

É diferente.

Talvez não queiram nosso cargo, nossa roupa, nosso lugar ou nossa vida. Querem apenas que não brilhemos tanto diante delas.

E isso deve ser muito cansativo.

Porque enquanto alguém olha para o lado para conferir quanto o outro avançou, deixa de perceber o próprio caminho.

Enquanto contabiliza conquistas alheias, adia as suas.

Enquanto se pergunta por que o outro foi escolhido, esquece de se preparar para quando chegar a própria oportunidade.

Há gente tão ocupada olhando a vida dos outros que acaba faltando à própria vida.

Talvez a inveja seja isso também: um desperdício de tempo.

Mas envelhecer tem suas delicadezas.

Uma delas é descobrir que não precisamos transformar toda decepção em guerra.

Nem toda pessoa precisa ser retirada da nossa vida.

Algumas apenas precisam mudar de lugar. Há quem possa permanecer na sala, mas não deva conhecer os nossos quartos.

Há quem possa dividir uma mesa, uma conversa, um ambiente de trabalho, uma cerimônia, um café.

Civilidade também é uma forma de inteligência.

Intimidade é outra coisa.

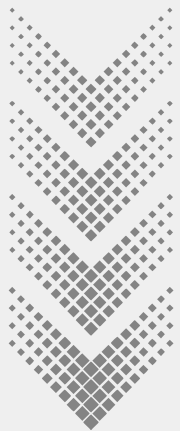
Essa precisa ser merecida.

Amigo verdadeiro não é aquele que concorda conosco o tempo inteiro. Pelo contrário. Um bom amigo alerta, questiona, aponta excessos, pede que esperemos, diz quando alguma coisa não está boa.

Mas existe uma distância enorme entre quem nos corrige porque nos ama e quem nos diminui porque não suporta nos ver crescer.

Aprender essa diferença leva tempo.

Hoje penso que amizade não se mede apenas pela mão que nos segura quando



caímos. Mede-se também pelos olhos que conseguem permanecer luminosos quando somos nós que estamos de pé.

Porque consolar alguém na tristeza pode ser solidariedade.

Mas celebrar sinceramente a felicidade do outro exige uma grandeza muito particular.

Por isso, já não fecho portas com facilidade.

Aprendi apenas uma coisa:

nem todo mundo que entra em minha casa precisa receber a chave.

Cris Souza – Educadora

Instagram @educadoracris

Email cristinasouza35@hotmail.com



VOLTAR PARA
PRIMEIRA PÁGINA



VOLTAR PARA
ÍNDICE CADERNOS



CRÔNICAS DO BEM-VIVER

JOSÉ ADERVAL ARAGÃO

Médico e professor titular da UFS

A ARTE DE ENVELHECER: CONTINUIDADE NO ESPELHO

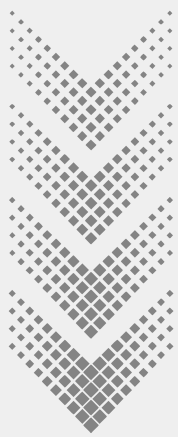
Há algo profundamente equivocado na maneira como a sociedade contemporânea concebe o envelhecimento. Trata-se não de uma decadência ou de um declive inevitável, mas de uma transformação cujo significado escapa à compreensão apressada de quem ainda não trilhou esse caminho. O corpo que envelhece não é um corpo que falha — é um corpo que narra, que acumula, que se transforma em documento vivo de uma existência.

Envelhecer com saúde transcende amplamente a manutenção de indicadores clínicos favoráveis. Certamente, a preservação da função cardiovascular, a integridade cognitiva, a mobilidade



preservada — tudo isso importa. Mas reduzir o envelhecimento saudável a um conjunto de métricas é como avaliar uma sinfonia apenas pela afinação dos instrumentos, ignorando completamente a música que dela emerge. A saúde, na maturidade, revela-se como um estado de integração entre o que se foi, o que se é e o que ainda se pode vir a ser.

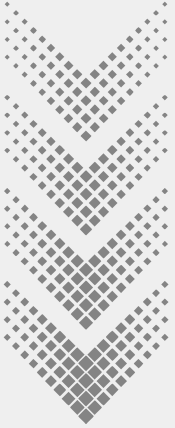
O corpo maduro carrega uma sabedoria silenciosa. Cada marca, cada transformação, é testemunho de uma negociação constante com o tempo. Não há derrota nisso — há amadurecimento. A



pele que perde a elasticidade, os músculos que requerem estímulo mais deliberado, a respiração que pede mais atenção — tudo isso convida a uma presença mais consciente no mundo. Quem envelhece com saúde não luta contra o tempo; aprende a dançar com ele, reconhecendo que cada etapa possui sua beleza própria, sua dignidade intrínseca.

A saúde mental emerge aqui como pilar fundamental. Não se trata apenas de preservar a memória ou a clareza intelectual, mas de cultivar uma relação serena com a própria história. O idoso saudável carrega consigo um arquivo interior — não como peso, mas como recurso.

As perdas são processadas, as alegrias são preservadas, as lições são extraídas. Há uma espécie de destilação que ocorre: o que era supérfluo se dissolve, o que era essencial se cristaliza. Essa clareza interna, essa capacidade de discernir o fundamental do accidental, constitui talvez a maior riqueza da maturidade.



Importa também considerar como a saúde na velhice se expressa na capacidade de manter vínculos significativos. O isolamento é inimigo mortal do envelhecimento saudável. Não se trata de manter uma vida social frenética, mas de preservar conexões genuínas — aqueles laços que oferecem pertencimento, propósito, reconhecimento mútuo. O idoso saudável sabe que precisa dos outros, e sabe também que tem algo a oferecer: presença, escuta, sabedoria acumulada, testemunho de um mundo que já não existe, mas que ainda ressoa na memória.

Há ainda uma dimensão frequentemente negligenciada: a saúde espiritual, entendida não necessariamente como religiosidade, mas como capacidade de atribuir significado à existência. O envelhecimento saudável implica uma reconciliação com a finitude. Não resignação, não desistência — mas aceitação serena de que a vida tem um limite, e que esse limite confere valor a cada dia restante. Quem envelhece

bem desenvolve uma relação mais honesta com a morte, e paradoxalmente, essa relação liberta para viver mais plenamente o presente.

O corpo que envelhece com saúde é aquele que foi cuidado, certamente — alimentado com discernimento, movimentado com regularidade, poupado de excessos destrutivos. Mas é também aquele que foi habitado com presença, cujas necessidades foram ouvidas, cujos limites foram respeitados. Há uma conversa constante entre a consciência e a matéria — um diálogo que se aprofunda com os anos, que se torna mais íntimo, mais honesto.

Envelhecer com saúde é, em última análise, uma arte. Requer prática, requer atenção, requer disposição para aprender com os próprios erros e acertos. Não há receita universal — cada pessoa compõe sua própria partitura, encontra seu próprio ritmo. O que existe é um convite: o convite para abraçar o tempo como aliado, não como inimigo; para

reconhecer no corpo que se transforma não um adversário, mas um companheiro de jornada; para descobrir na maturidade não um declínio, mas uma culminação.

A velhice saudável é aquela em que a pessoa se reconhece no espelho — não com estranheza ou horror, mas com reconhecimento. Sou eu, ainda sou eu, continuo sendo eu — embora transformado, embora enriquecido, embora carregando agora uma história mais longa. Essa continuidade, essa coerência interna, talvez seja o maior indicador de que se envelheceu bem: ter-se tornado alguém que se reconhece, que se aceita, que ainda encontra razão para levantar a cada manhã e participar da vida.

José Aderval Aragão - Sergipano, graduado em medicina pela Universidade Federal de Sergipe, com Especialização em Cirurgia Vascular, Mestrado e Doutorado pela Universidade Federal de São Paulo, Professor Titular da Universidade Federal de Sergipe. É membro das Academias Sergipana de Medicina, Educação, Letras, bem como das Academias Independente de Letras de Pernambuco e Intercontinental de Escritores. É escritor, poeta, coautor de várias antologias e autor de diversos livros e artigos científicos.



ACADEMIAS EM FOCO



Educadora
Cris Souza

Escritora, poeta,
jornalista e pedagoga



TRT-20 DEBATE O UNIVERSO QUILOMBOLA EM SERGIPE

Por **Cris Souza** | [Academias em Foco](#) | [Jornal Cinform](#)

Encontro reuniu magistrados, educadores e pesquisadores em torno da ancestralidade, dos saberes quilombolas e da educação antirracista

O Tribunal Regional do Trabalho da 20ª Região promoveu, no dia 11 de setembro, em Aracaju, o encontro “O Universo Quilombola em Sergipe”, iniciativa dedicada à reflexão sobre educação quilombola, ancestralidade, memória, território e práticas de enfrentamento ao racismo.



Realizado no Espaço de Capacitação e Inovação da Escola Judicial do TRT-20, o evento integrou as ações do Programa de Equidade e Diversidade e do Subcomitê de Equidade e Diversidade do Tribunal, reunindo representantes do Judiciário, educadores, pesquisadores e participantes interessados nas questões relacionadas às comunidades quilombolas e à educação antirracista.

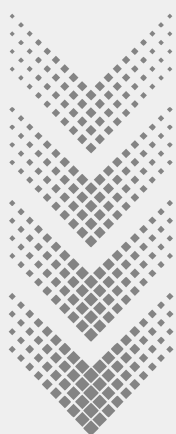
A programação contou com a palestra “Educação Quilombola e Educação Antirracista: Direito à Educação, Saberes e Experiências Pedagógicas em Quilombos Sergipanos”, ministrada pela professora Maria Eliane Dantas dos Santos. A professora Alessandra Santos também esteve presente no encontro, participando desse espaço de diálogo e reflexão. Na sequência,

o professor doutor João Mouzart de Oliveira Junior apresentou “Cartografias da Ancestralidade: Memórias, Territórios e Saberes dos Quilombos Sergipanos”, abordando dimensões históricas, culturais e identitárias relacionadas às comunidades quilombolas do estado.

As discussões foram ampliadas em roda de conversa mediada pela juíza Júlia Borba Costa Noronha, gestora regional do Programa de Equidade de Raça, Gênero e Diversidade do TRT-20. A programação também contou com a participação do grupo cênico Coletivo Teatro de Mala, com o espetáculo “Ejé Kilombo – O Sangue que Resiste”.

AENS É DESTACADA DURANTE O ENCONTRO

Durante as discussões, a Academia de Expressões Negras de Sergipe (AENS) foi mencionada como iniciativa voltada à valorização da representatividade, da produção intelectual, da memória e das expressões negras no estado. A educadora, escritora e jornalista Cris

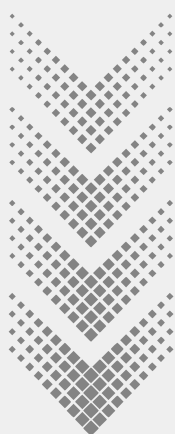


Souza, idealizadora da instituição, esteve presente ao encontro e foi citada pelo professor doutor João Mouzart (presidente da AENS), e pela desembargadora doutora Maria das Graças, do Tribunal Regional do Trabalho da 20ª Região.

Ao recordar sua presença na instalação da Academia, a desembargadora ressaltou a importância da iniciativa e manifestou sua confiança na contribuição da AENS para o fortalecimento de ações relacionadas à educação antirracista e à valorização da população negra.

A referência à Academia durante o encontro evidencia a aproximação entre diferentes campos de atuação, justiça, educação, universidade, cultura e sociedade civil, em torno de uma agenda que ultrapassa o reconhecimento simbólico e reivindica espaços efetivos de produção de conhecimento, preservação da memória e promoção da equidade.

Mais do que revisitar a história das comunidades quilombolas, o encontro



colocou em discussão a permanência de seus saberes e a necessidade de incorporá-los aos processos educativos e às políticas de reconhecimento.

Em uma sociedade ainda marcada por desigualdades raciais, iniciativas dessa natureza reforçam que a construção de uma educação antirracista não pertence exclusivamente à escola. Trata-se de uma responsabilidade compartilhada por instituições públicas, universidades, organizações culturais e pela própria sociedade.

Ao reunir diferentes vozes, “O Universo Quilombola em Sergipe” reafirmou que ancestralidade não diz respeito apenas ao passado. Ela permanece como memória, identidade, conhecimento e instrumento para a construção do presente.

Cris Souza

Educadora, escritora e jornalista



VOLTAR PARA
PRIMEIRA PÁGINA



VOLTAR PARA
ÍNDICE CADERNOS



CLIQUE AQUI

 Alphaville • Barra dos Coqueiros/SE



Residencial

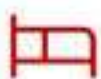
Aluguel

Exclusivo Valor

#15639



Alphaville Sergipe



QUARTOS

3



VAGAS

2



ÁREA

230,00m²



SUITES

1

Aluguel

R\$ 7.000,00

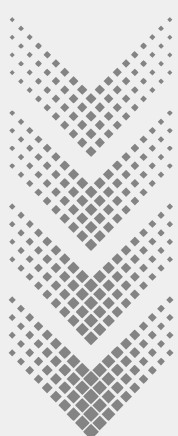
Condomínio

R\$ 1.077,67



Entre em contato

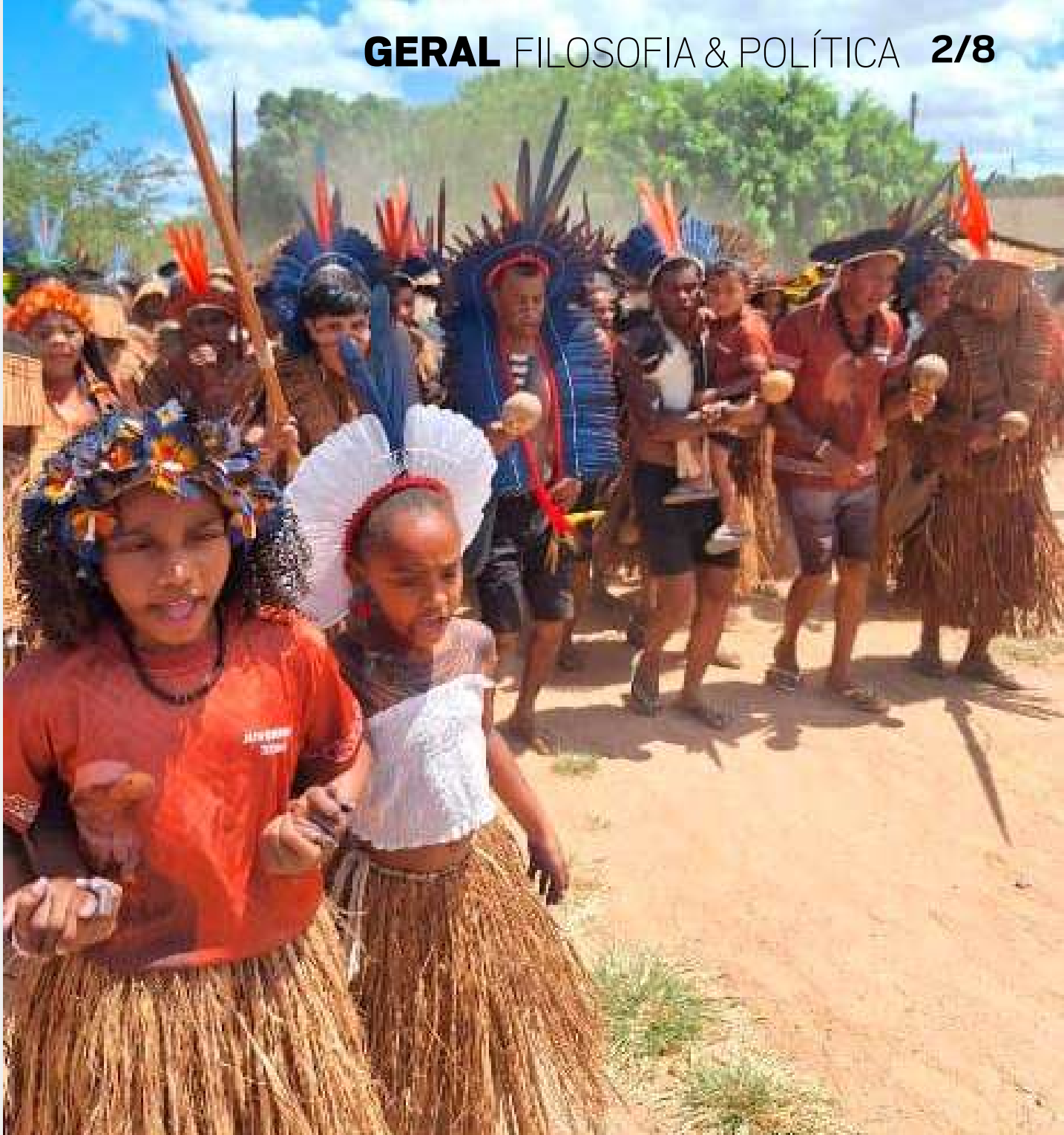
(79) 92675-7308



EVALDO BECKER
PROFESSOR DA UFS

OS XOKÓ E A FESTA DA DEMOCRACIA

Mais uma vez, depois de um longo caminho, saindo de Aracaju rumo à Aldeia Indígena Xokó, percorrendo a dura paisagem do sertão, encontramos as já familiares terras da Caiçara, ornadas com a mata da caatinga. Avançando um pouco mais na mata rejuvenecida após o reingresso do povo Xokó em seu território ancestral, pudemos vislumbrar ao longe, as belas e frescas águas do Opará, que para nós não indígenas é conhecido como Velho Chico. E, finalmente, ao adentrarmos, na tarde do dia 8 de setembro, a Ilha de São Pedro, no município de Porto da Folha, encontramos um povo alegre, em clima de festa, se preparando, como



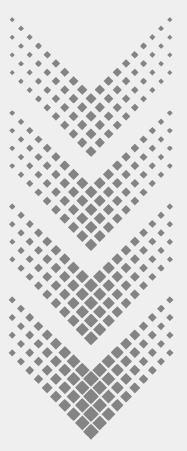
fazem todos os anos, para receber vizinhos e amigos, em uma autêntica festa da democracia. Festa que a cada ano relembra as agruras de um tempo de exílio, no qual foram proibidos de frequentar seu próprio território, e no qual eram impedidos até de serem quem sempre foram, e de se dizerem indígenas. Mas também, festa de alegria, momento de recordar as lutas que levaram à reconquista de seu território e do direito de se reconhecerem como indígenas livres, habitando um Brasil democrático.



Após nos acomodarmos na Escola Indígena Xokó, saímos a perambular pela aldeia e a reencontrar velhos amigos. Mulheres preparando o repasto do dia seguinte, enquanto os jovens reforçavam suas pinturas de tinta de genipapo à sombra dos pés de Tamarino. Homens trabalhando nos preparativos da festa; e indígenas de ambos os sexos, organizando suas peças de artesanato para serem ofertadas ao visitantes e amigos no dia seguinte. Durante a noite do dia 8, um evento de cunho acadêmico, mostrava os belíssimos resultados de uma longa parceria de professores e alunos da Universidade Federal de Sergipe com professores e alunos do



Colégio Indígena Estadual Dom José Brandão de Castro. Materiais pedagógicos de inegável qualidade evidenciavam a robustez dos trabalhos realizados nessa excelente escola, que só espera a sensibilidade de nossos governantes para ser transformada em um autêntico Centro de Excelência Indígena.



Após falas nas quais foram lembrados momentos marcantes da luta pelo território, recordando que havia sido na noite do dia 8 de setembro, há 47 anos, que remanescentes do povo Xokó se preparavam para deixar suas terras da Caiçara, para se refugiarem na Ilha de São Pedro, na tentativa de escapar das ameaças de capangas e fazendeiros que insistiam em roubar suas terras e apagar suas origens, ouvimos homenagens de agradecimento ao Deus Tupã e à Natureza, ao som dos maracás. E, para encerrar a noite, presenciamos na praça central da aldeia, o toré dos guerreiros de fogo, que iluminaram a noite com cantos e danças, no entorno de uma linda fogueira, que aquecia ainda mais esta pungente cerimônia.

O dia começou cedo e já na madrugada, escapamos para tentar a sorte na pesca, às margens do Velho Chico. Com as bençãos de Tupã, trouxemos alguns peixes para o café da manhã, confirmando que mesmo após todas as agressões, Opará continua a

alimentar os povos que habiatm às suas margens. E após um refrescante banho em suas verdes águas, retornamos à Aldeia para a continuação dos festejos.

Estranhamente, eram as palavras do filósofo genebrino Jean-Jacques Rousseau que ecoavam em minha mente, em pleno sertão sergipano. E, em meio às comemorações da 47ª festa da retomada do território indígena Xokó, olhando o mastro fincado no centro da Aldeia, com a bandeira Xokó tremulando e tendo na sua base um pequeno altar com um pote de Jurema, eu lembrava as palavras do filósofo: Plantai no meio de uma praça uma estaca coroada de flores, reuni o povo e tereis uma festa. Ou melhor ainda: oferecei os próprios espectadores como espetáculo; tornai-os eles mesmos atores; fazei com que cada um se veja e se ame nos outros, para que com isso todos fiquem mais unidos. (Rousseau, 1993 [1758], p. 128)

E, na manhã do 9 de setembro, mais uma vez, sob o céu brilhante, e o sol inclemente do sertão, indígenas adultos



e pequenos curumins de ambos os sexos, cantavam de alegria e faziam ecoar torés em homenagem a Nhanderu e à Jurema sagrada. Pintados com as cores da tinta de genipapo e do urucum, e adornados com penas e vestes de embira, dançavam e cantavam a alegria de serem livres e de se mostrarem tal como seus ancestrais. De serem livres em um país democrático. Um país que foi construído em suas terras e sobre seus corpos, e que deve reconhecê-los e protegê-los de si mesmo. Protegê-los daqueles que negam nossa soberania e que anseiam por mais violências. Daqueles que se refugiam na calada

da noite, nas antessalas de banqueiros e fazendeiros corruptos, para tramar contra nosso povo e nossa natureza.

E mais uma vez, como dizia o filósofo da natureza: “É ao ar livre, é sob o céu que deveis reunir-vos ao doce sentimento de vossa felicidade!” (Rousseau, 1993 [1758], p. 128). E foi assim, debaixo de um sol escaldante, que o povo Xokó dançou e cantou, para espantar os seus males e reforçar os seus laços de amizade e respeito. E, como um povo livre e ativo, comemorou mais uma vez a alegria de ser indígena e de viver livre em seu território. Viva o povo Xokó de Sergipe! Viva a democracia! Longa vida a ambos!

REFERÊNCIAS

Rousseau, Jean Jacques. **Carta a D'Alembert sobre os espetáculos**. Tradução de Roberto Leal Ferreira. Campinas: Editora da Unicamp, 1993 [1758].

● **Evaldo Becker** - é professor de Ética e Filosofia Política do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe. Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo - (USP) e Pós-Doutor em Filosofia pela Université du Québec à Trois-Rivières - (UQTR), Canadá. evaldobecker@gmail.com



VOLTAR PARA
PRIMEIRA PÁGINA



VOLTAR PARA
ÍNDICE CADERNOS



EDIÇÃO E DISTRIBUIÇÃO ECM-EDIÇÃO
COMUNICAÇÃO E MARKETING EIRELIDESDE DEZEMBRO
DE 2019**EDITOR CHEFE****Fábio Viana**

Jornalista DRT/SE | 1327

viana.jornalista@gmail.com

 (79) 9.9981-1711**EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA****Altemar Oliveira**

oliveiraltemar@gmail.com

 (79) 9.99823-0398**COLUNISTAS****Antônio Carlos dos Santos****Antonio José Pereira Filho****Cris Souza****Evaldo Becker****José Aderval Aragão****Lícia Melo****Saulo H. S. Silva****DEPARTAMENTO COMERCIAL****DIRETOR: Elenaldo Santana** (79) 9.9949-9262**Email:** comercial@cinformonline.com.br**ENDEREÇO**

Rua Sílvio César Leite nº 90 - Salgado Filho Aju/SE – CEP: 49055-540

Telefone: **(79) 3085 - 0554** - CNPJ 35.851.783/0001-00